

Elni Elisa Willms  
Rafael Nogueira Costa  
Rogério de Almeida  
Michèle Sato (*in memoriam*)  
(Orgs.)

# sementes da arte-educação-ambiental

DOI: 10.11606/9786587047690

·FEUSP

SÃO PAULO, SP  
2024

© 2024 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
Coordenação editorial: Elni Elisa Willms, Rafael Nogueira Costa e Rogério de Almeida  
Projeto Gráfico e Editoração: Rogério de Almeida e Marcos Beccari  
Capa: Aquarela do Dente de Leão produzido por Michèle Sato. Arte produzida por Regina Aparecida da Silva, Cristiane Carolina de Almeida Soares e Mariana Chiarinelli  
Revisão dos autores



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

S471 Sementes da arte-educação-ambiental. / Elni Elisa Willms; Rafael Nogueira Costa; Rogério de Almeida; Michèle Sato (in memoriam) (organizadores). São Paulo: FEUSP, 2024.  
647 p.

ISBN: 978-65-87047-69-0 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047690

1. Meio-ambiente. 2. Educação ambiental. 3. Arte-educação. I. Willms, Elni Elisa II. Costa, Rafael Nogueira. III. Almeida, Rogério de. IV. Sato, Michèle (in memoriam) (org.). VI. Título.

CDD 22<sup>a</sup> ed. 375.7

---

Ficha elaborada por: **José Aguinaldo da Silva** – CRB8a: 7532

### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda Nascimento Arruda

### **Faculdade de Educação**

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil

E-mail: [spdfe@usp.br](mailto:spdfe@usp.br) / <http://www4.fe.usp.br/>

FEUSP

# O cinema como potência de aterramento: uma perspectiva educomunicativa sobre a contribuição do audiovisual na educação ambiental

Thaís Brianezi<sup>1</sup>

Este texto retoma e aprofunda os pontos que apresentei oralmente em 23 de agosto de 2022 no seminário “Cinema, educação e sustentabilidade”, parte integrante da programação da 11ª edição da Mostra Ecofalante de Cinema. Na ocasião, participei da mesa “O cinema na educação e sua contribuição para a criação de sociedades sustentáveis”, ao lado do professor Marcos Sorrentino e com mediação da jornalista Cilene Victor<sup>2</sup>. O ponto de partida do diálogo que estabelecemos foi a seguinte provocação apresentada pela Ecofalante e pelo Sesc São Paulo:

O cinema nos aproxima de histórias, pessoas e lugares que não conhecemos e, dessa forma, permite que nos coloquemos no lugar do outro. A experiência da alteridade é um elemento importante na formação de indivíduos mais críticos e justos. Como pensar, então, o cinema como pedagogia criadora de sociedades mais justas e sustentáveis? (Sesc-SP, 2022, p. 1).

---

1 Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), membro fundadora da *International Environmental Communication Association* (IECA) e da Escola de Ativismo, presidente do Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA), conselheira da Action Aid Brasil, integrante da Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental (Anppea) e da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), além de editora adjunta da revista *Ambiente & Sociedade* e coordenadora do Grupo de Trabalho de Políticas Públicas de Educação Ambiental da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS). <http://lattes.cnpq.br/0884750138860048>; [tbrianezi@usp.br](mailto:tbrianezi@usp.br)

2 A programação completa do referido seminário pode ser acessada em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-de-cinema-educacao-e-sustentabilidade>.

Para pensar a contribuição do cinema na arte-educação ambiental e contribuir para que as sementes da agrofloresta representada por esta bela coletânea floresçam, dirijo meu olhar para a relação entre comunicação e educação a partir da sua interface de potencialização mútua, ou seja, da educomunicação. Isso significa encarar a potência educativa da produção audiovisual buscando fugir da dicotomia apocalípticos versus integrados (nem horror nem panaceia) (França, 2014), romper com a visão mecanicista e trazer o “público” para o centro do processo criativo (Soares, 2011), necessariamente dialógico (Freire, 1985). O cinema não mais como consumo individual, mas como experiência coletiva de imaginar e tecer outros mundos possíveis, de fortalecer pluriversos (Acosta, 2021), de nos (re)conhecermos como parte do Terrestre (Latour, 2020b) em constante metamorfose (Coccia, 2020), da vida que reage e (r)existe à mercantilização (Brum, 2021). Convido vocês a trilharem comigo o percurso traçado por este capítulo, que entrelaça reflexão teórica e experiências empíricas de leitura crítica e produção colaborativa de audiovisual, no âmbito da relação entre cinema, educação e sustentabilidade.

### **Para além do texto (mas sem excluí-lo)**

Um estudo coordenado por Arleude Bortolozzi (1999) com professores(as) que atuavam na educação ambiental escolar em 112 projetos concluiu que a maioria deles(as) apresentava ainda uma abordagem cartesiana da realidade, com um imaginário cultural que separava não só o ser humano da natureza como também as ciências técnicas das ciências humanas. A pesquisa creditava essa visão à má formação desses(as) profissionais que, ao serem indagados(as) sobre como acompanhavam a questão ambiental, respondiam majoritariamente que o faziam através dos meios de comunicação de massa, tais como TV (noticiários, documentários ambientais, filmes e vídeos em geral) e revistas, “em detrimento e não somados aos mecanismos que deveriam ser próprios da educação em todos os níveis, como por exemplo: textos, livros paradidáticos, seminários” (*Ibidem*, p. 44).

A crença de que a academia é a fonte autorizada do saber e de que, portanto, o conhecimento legítimo provém essencialmente da cultura escrita no âmbito da educação formal é elitista e ultrapassada:

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (Martín-Barbero, 2000, p. 55).

Apesar de avaliados a partir de pressupostos questionáveis, os resultados apresentados pelo estudo de Bortolozzi ajudam a iluminar dois pontos chave na relação entre produção audiovisual e a educação ambiental: a) o fato de que é preciso olhar de forma crítica para a visão de natureza e sociedade que os diversos conteúdos midiáticos apresentam; b) a importância do cinema e da televisão como fonte de (in)formação sobre a temática ambiental para os(as) educadores(as).

A escolha entre cinema ou texto é uma falsa dicotomia: as diferentes linguagens e formas de registro podem - e devem - caminhar juntas nos processos formativos. Essa aposta de que filme, texto e contexto, em sinergia, ajudam a ampliar a potência pedagógica do cinema foi efetivada pelas equipes da produtora Orsu Filmes e da organização EcoSurf. Ambas, com apoio da Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo (UMAPAZ/SVMA), produziram conjuntamente o documentário “Lixo Mutante”, lançado em 2022. Inicialmente, a entrega a ser realizada no projeto, que contou com financiamento via emenda parlamentar<sup>3</sup>, era “apenas” o documentário em si. Mas como havia o desejo de que o mesmo ajudasse a gerar debates sobre como o modo de produção e consumo capitalistas produzem lixo e tratam parte das pessoas como descartáveis, os(as) realizadores(as) perceberam que os diálogos acerca das problemáticas apresentadas seriam potencializados se fosse disponibilizado junto com o documentário um material editorial com perguntas norteadoras e mais informações sobre a pesquisa que embasou o roteiro<sup>4</sup>.

A construção desse material de apoio tomou o cuidado de não se apresentar como única leitura e interpretação válidas, sob o risco de limitar as diferentes possibilidades de recepção da obra ou restringi-la ao plano racional. E essa postura foi coerente com o

---

3 Concedida pelo vereador Xexéu Tripoli (PSDB).

4 O documentário “Lixo Mutante” tem 67 minutos e pode ser acessado gratuitamente na plataforma EcoFalante Play: <https://ecofalante.org.br/filme/lixo-mutante>.

roteiro do “Lixo Mutante”, que alia informações factuais e científicas a uma abordagem artística: os depoimentos são entrecortados por cenas de música e dança, nas quais o personagem abstrato do lixo vai se formando aos poucos. Em diversas exposições públicas do filme, esse personagem também esteve presente e realizou performances sensoriais junto ao público<sup>5</sup>.

### O cinema catalisando diálogos

A emergência do conceito de aprendizagem tornou explícito que qualificações e conhecimentos podem ser adquiridos através de diversos tipos de encontros, em diferentes contextos (Giddens, 2010). Nessa perspectiva, ir ao cinema é uma oportunidade de aprendizagem que ganha força quando a sessão é seguida de uma roda de conversa mais estruturada ou mesmo da troca livre de impressões com amigos no bar, na praça ou no caminho de volta para casa. Portanto, democratizar o acesso ao cinema faz parte da garantia do direito à cultura e à educação e, para isso, são fundamentais políticas públicas como o circuito SP Cine, que funciona nos Centros Educacionais Unificados (CEUs) da capital paulista, abertos à comunidade, ou a criação de cineclubes em equipamentos públicos, como escolas e museus.

Um dos coletivos mais atuantes na cidade de São Paulo no apoio à criação e ao funcionamento de cineclubes é o Janela Aberta - Cinema e Educação. Ele foi fundado por Cláudia Mogadouro, que é também formadora do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) e pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP). Os(as) integrantes do Janela Aberta definem-se como cine-educadores(as) e defendem que o cinema não seja mera ilustração didática, mas abordado a partir de sua história e linguagem próprias, ajudando a construir uma cultura cinematográfica que permitirá tanto a leitura crítica do audiovisual (para desvelar discursos hegemônicos presentes nas produções hollywoodianas, por exemplo) quanto a ampliação da capacidade de expressão a partir de novos repertórios adquiridos (Mogadouro *et al.*, 2020).

---

5 Como analista de políticas públicas e gestão governamental da Prefeitura de São Paulo, de julho de 2021 a julho de 2022 trabalhei na UMAPAZ/SVMA e pude acompanhar a finalização e o lançamento do “Lixo Mutante”.

Um dos maiores especialistas brasileiros nos estudos cinematográficos, Ismail Xavier, lembra que Edgar Morin no livro “O cinema ou o homem imaginário”, publicado em 1958, afirmou que o que diferencia o cinema do cinematógrafo (mera duplicação de imagens) é a identificação do(a) espectador(a) com a história. O cinema foi se constituindo, assim, como “imaginário, lugar da ficção e do preenchimento do desejo” (Xavier, 2005, p. 16).

A chamada tela grande passou a ter sucesso comercial nos Estados Unidos no início do século XX, quando conquistou os imigrantes pobres como primeiro grande público. Eles se identificavam com o enredo da luta por reconhecimento, presente nas obras de faroeste. No México, também, o cinema nacional ajudou a moldar a cultura de massa do país, difundindo novos costumes urbanos: ligou-se “à fome das massas por se fazerem visíveis socialmente” (Martín-Barbero, 2008, p. 235).

O desafio da arte-educação-ambiental é aproveitar essa ligação que se estabelece entre obra e público não para conformá-lo a padrões instituídos, mas para fortalecer o campo instituinte. Ou seja: quando a experiência cinematográfica vai além do consumo, ela pode ser espaço de (re)conhecimento de outros modos de ser e estar no(s) mundo(s).

Em “O Diálogo Possível”, Francisco Bosco (2022) defende que a crescente polarização do debate público brasileiro é menos de natureza cognitiva que afetiva: a necessidade de fazer parte de um grupo, de pertencer, leva a pessoa a se identificar de maneira dogmática com ele. Nesse sentido, com sua capacidade de retratar outras realidades e gerar empatia, o cinema talvez tenha o potencial de ajudar a recriar a conexão necessária entre o eu e os outros que não pensam e vivem iguais a mim. Ou seja, a gerar não só público, mas espírito público, coletividades pautadas na pluralidade - inclusive de humanos e não humanos.

Um exemplo de filme que contribui para esse intento é “Animal”, dirigido pelo francês Cyril Dion, que abriu a 11ª edição da Mostra Ecofalante de Cinema. Ele acompanha dois jovens ativistas climáticos, Bella e Vipulan, vítimas da ansiedade e desesperança. E mostra como os bons encontros deles com ativistas de outras gerações e múltiplas causas mundo afora, e especialmente com outros seres vivos não-humanos, os ajudaram a esperar e ganhar potência de ação.

“Animal” é uma produção documental que pode ser enquadrada no universo culto. Mas é importante reconhecer que a experiência cinematográfica como espaço

e tempo de aprendizagem pode se dar também a partir de filmes populares, mesmos os comerciais. É preciso questionar o gosto legítimo e estar atento(a)s para que nossa intencionalidade educativa de ampliação de repertórios não esconda um preconceito de classe, nem sempre consciente (Bourdieu, 2007).

### **Fazer com, não fazer para**

Em 1895, mesmo ano em que os irmãos Lumière fizeram funcionar a primeira arte de massa, Gustave de Bon publicou “A Psicologia das Massas”, denunciando a irracionalidade das mesmas (Martín-Barbero, 2008). Para compreender o cinema como aliado político e pedagógico na criação de sociedades mais justas e sustentáveis, é preciso, em termos epistemológicos, romper com a visão mecanicista da comunicação e da educação, que tendem a ver os meios de massa como horror ou panaceia:

Contrariamente aos que vêem nos meios de comunicação e na tecnologia de informação uma das causas do desastre moral e cultural do país, ou seu oposto, uma espécie de panaceia, de solução mágica para os problemas da educação, sou dos que pensam que nada pode prejudicar mais a educação que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar. (Martín-Barbero, 2000, p. 52).

Paulo Freire (1985) nos ajuda a lembrar que tanto a comunicação quanto a educação, para serem emancipadoras, precisam ser fundamentadas no diálogo. Como vimos na seção anterior, ir ao cinema é uma experiência que pode promover bons encontros e catalisar diálogos, inclusive consigo mesmo(a) e com outros seres. Agora, conversaremos um pouco sobre como o processo dialógico - e toda a aprendizagem que ele gera - pode estar presente também na vivência de produção de vídeos e filmes.

Trazer o público para o centro do processo criativo, na educomunicação, significa trabalhar de forma interligada dois pilares que se retroalimentam: leitura crítica das mídias e produção colaborativa das mesmas. Como destacou o comunicador popular argentino Mario Káplun (2011, p. 182):

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino / aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência linguística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo.

Condizente com esses princípios, um exemplo de produção educomunicativa de cinema foi a série “Inclusão na Tela: o Olhar dos Estudantes”, realizada em 2016 por equipes da Imprensa Jovem de nove escolas municipais de São Paulo. A Imprensa Jovem é um programa criado em 2009 pelo Núcleo de Educomunicação da SME-SP, que incentiva a criação de agências estudantis de notícia nas unidades educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, bem como a formação continuada de seus(suas) integrantes e a realização de coberturas compartilhadas. Atualmente está presente em cerca de 250 escolas municipais da capital paulista, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022).

A partir de uma parceria entre a SME-SP e a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo (SMPED-SP), essas equipes foram convidadas a produzir vídeos tendo como tema gerador os direitos das pessoas com deficiência. O convite veio junto com um processo formativo sobre o conceito de deficiência, norteado pelo entendimento de que a mesma se relaciona com os obstáculos que dificultam a participação plena da pessoa na sociedade. Ou seja, diz respeito não apenas à condição de limitação física, mental, intelectual, sensorial ou múltipla do indivíduo, mas principalmente às barreiras sociais que o(a) impedem de participar da educação formal, do mercado de trabalho ou da vida cultural e esportiva da cidade, por exemplo (Maior, 2017).

Apesar de o convite e apoio à produção dos vídeos terem sido institucionais, houve o zelo para preservar a autoria dos(as) estudantes, garantido sua autonomia de abordagem e de narrativa. Os nove vídeos resultantes do projeto mostram perspectivas bem diversas sobre a riqueza e os desafios da inclusão no contexto escolar, contando histórias não só de discentes, mas também da luta de um docente com deficiência<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Os nove curtas metragens podem ser assistidos no canal de Youtube da SMPED-SP: <https://www.youtube.com/watch?v=aPsL20kSICI>.

Além disso, nas Imprensas Jovens participantes havia integrantes com deficiência, sendo que uma delas era composta totalmente por estudantes surdos(as): a equipe da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEB) Madre Lucie Bray, que fez o curta de suspense “Viva Meliés”, homenageando de forma bem humorada o cinema mudo.

Ao fim do projeto, esses curta metragens foram exibidos em uma sala profissional de cinema, o Cine Olido, no centro de São Paulo, com a presença das escolas realizadoras e recebendo comentários do jornalista e escritor Jairo Marques, ele próprio cadeirante e responsável pela coluna “Assim como você”, publicada pelo jornal “Folha de São Paulo”. A produção, exibição e debate sobre os vídeos da série “Inclusão na Tela” contribuiu para suscitar uma conversa franca sobre (in/ex)clusão e sobre o papel da mídia em reforçar ou desconstruir os estereótipos que retratam as pessoas com deficiência como coitadas e incapazes. Um dos aprendizados que essa experiência propiciou aos(às) participantes foi o quanto as barreiras físicas são mais fáceis de serem percebidas do que as atitudinais, fundadas na crença de que as pessoas com deficiência são cidadãs de segunda classe<sup>7</sup>.

## O cinema como potência de aterramento

Outra questão a ser considerada na relação entre cinema, educação e sustentabilidade são os impactos negativos sobre o ambiente causados pela indústria cinematográfica e pela crescente produção e consumo de aparatos de tecnologia da informação e comunicação (TICs) (Maxwell e Miller, 2008). É preciso desconstruir a falácia da virtualidade, de que já não se precisa de solo porque “está tudo na nuvem”, como busca fazer o Projeto Mapas dos Territórios da Internet<sup>8</sup>:

A interinternet é uma estrutura física, geolocalizada e atravessada por relações de poder. Cabos, satélites, antenas, servidores, computadores, celulares, minas, garimpo, códigos de programação, lixo eletrônico... existe

7 Em 2016, também como analista de políticas públicas e gestão governamental da Prefeitura de São Paulo, eu trabalhava na SMPED-SP e ajudei a coordenar o projeto “Inclusão na Tela”.

8 É possível saber mais sobre a iniciativa e seus resultados em: <https://www.cartografiasdainternet.org/>. Acesso em 8 de mar. 2023.

muita materialidade e trabalho para que tudo funcione! Quem detém o poder de cada trecho dessa estrutura? De que territórios são extraídos os recursos minerais para esse desenvolvimento tecnológico? Para onde vai o lixo eletrônico? Que valores são embutidos nos algoritmos das redes sociais? Quem usufrui da conectividade, quem fica de fora? O quanto a digitalização facilita a vigilância? Quem tem o poder de vigiar? Quem lucra? Como resistir ao colonialismo digital? A Internet é um território em disputa e afeta os futuros das nossas democracias e os caminhos rumo à justiça climática e sócio-ambiental. (Coding Rights, 2022, p. 1).

Richard Maxwell e Toby Miller (2008) argumentam que um trabalho de educação midiática na interface com a educação ambiental deveria começar pelo reconhecimento de que o encantamento com as tecnologias tem como correlato o desencantamento com o que eles chamam de natureza, e são parte da crise que vivemos. Nesse sentido, eles se aproximam da denúncia realizada pelo filósofo Byung-Chul Han (2017, 2018), de que o excesso de exposição e ação nas plataformas digitais leva ao adoecimento individual e coletivo e à perda de interesse nas vivências concretas<sup>9</sup>.

A educomunicação socioambiental não ignora essas tensões e contradições presentes na articulação entre tecnologias digitais, arte, educação e ambiente, mas busca trabalhá-las de forma crítica, para que o processo comunicativo seja de conexão com os territórios e as diversas manifestações da vida imbricadas neles (Brianezi e Gattás, 2022). Falamos muito - e com razão - na necessidade de ter momentos de desconexão com o virtual. Mas falamos menos de uma demanda ainda mais urgente: a de reconexão com a vida e com o Terrestre (Latour, 2020b), para a qual as artes em geral - e o cinema em particular - podem colaborar decisivamente.

O mito de Prometeu e Epimeteu nos leva a conceber a técnica como uma compensação aos limites biológicos dos humanos, e as mídias como extensões dos homens e mulheres (McLuhan, 1972). Mas se partirmos da compreensão de que a vida de cada ser na Terra é interligada ao todo e está em constante metamorfose, perceberemos que cada um(a) é conectado(a) a múltiplas ancestralidades e que as fronteiras entre passado, presente e futuro são fluidas. A partir daí, poderemos conceber os objetos

---

<sup>9</sup> Han usa como exemplo a chamada “Síndrome de Paris”: o sofrimento de turistas japoneses que se frustram com a Paris real e, para se aproximar da Paris ideal imaginada, tiram muitas fotos durante suas viagens.

técnicos como aqueles que nos permitem desfazer-nos por dentro e não projetar-nos para fora: “A técnica - a arte de construir casulos - faz do ser simultaneamente o sujeito, o objeto e o meio do ato da transformação” (Coccia, 2020, p 91).

Nesse sentido, um bom exemplo de como o audiovisual pode promover transformações simultaneamente pessoais e no ambiente está retratado na comédia “Saneamento Básico”, dirigida por Jorge Furtado. O filme fala sobre uma fictícia vila rural que estava mobilizada por uma solução para o tratamento do seu esgoto. O único recurso existente na Prefeitura era destinado à produção de filmes e estava prestes a ser devolvido ao governo federal. Algumas lideranças comunitária pegaram, então, a verba para construir uma fossa, com o compromisso de produzir também um vídeo ficcional, para prestar contas do uso do dinheiro. Para isso, inventaram um roteiro aparentemente banal sobre um monstro que vivia na construção de uma fossa - mas o processo de gravação dele se mostrou muito mais transformador (nos indivíduos participantes e nas relações entre eles) do que o inicialmente imaginado.

É importante lembrar que as narrativas mobilizam e que, sendo assim, “descrever não é apenas informar, mas também alarmar, comover, pôr em movimento, chamar à ação, talvez até dobrar o sino” (Latour, 2020a, p. 51). Então, para nos orientarmos politicamente no Antropoceno (Latour, 2020b), precisamos contar e ouvir histórias que nos ajudem a, ao mesmo tempo, aterramos (nos implicarmos nos coletivos de vida) e nos mudializarmos (nos compreendermos e agirmos em rede):

Essa operação lenta, que consiste em ser envolvido em circuitos de sensores em forma de ciclos, é o que significa “ser desta Terra”. Mas todo mundo tem que aprender por si mesmo, de novo a cada momento. E isso nada tem a ver com ser um humano-na-natureza ou um humano-em-um-Globo. É antes uma fusão lenta e progressiva de virtudes cognitivas, emocionais e estéticas, em função das quais os ciclos são cada vez mais visíveis. Após cada passagem de um ciclo, tornamo-nos *mais sensíveis* e *mais reativos* aos envoltórios frágeis que habitamos. (Latour, 2020b, p. 224, *italico no original*).

## Breves considerações finais

Contar e ser contado por meio do cinema tem um poder transformador e muitas questões éticas envolvidas. Ao me formar em Jornalismo, em 2001, eu estagiava na TV Globo em São Paulo e tive a sorte de participar de um mini curso ofertado por Jorge Furtado aos(as) profissionais da emissora. Na ocasião, ele contou como o premiado curta “Ilha das Flores”, muito usado em ações de educação ambiental, havia gerado sobre a comunidade que inspirou o filme<sup>10</sup> um efeito negativo não esperado: os proprietários que antes davam as sobras dos porcos para as famílias famintas, com a repercussão da história, pararam de fazê-lo, sem que houvesse imediata ajuda a elas, que se viram em situação ainda pior.

Então, com um dos prêmios em dinheiro recebidos por “Ilha das Flores”, Jorge Furtado se viu impelido a fazer um curta documental sobre algum(a) morador(a) da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, escolhido aleatoriamente, por sorteio. O resultado se materializou no filme “Esta não é sua vida”, que comprova com maestria o quanto a vida de qualquer pessoa vale a pena ser contada, embora nunca possa ser apreendida em sua plenitude. A obra também revela o processo de metamorfose vivenciado ao longo das gravações por Noeli Cavaleiro, a moradora gaúcha sorteada<sup>11</sup>.

O cinema, assim como diversas outras expressões artísticas, ajuda-nos a sonhar, a conceber outros mundos que só se tornarão possíveis se primeiro forem imaginados:

Desde o começo do século XX, quando a arte estabeleceu-se como vanguarda, ela deixou de preencher uma função estética. Ela liberou-se da tarefa de produzir beleza, de decorar o existente, de colocá-lo em harmonia. Pretendendo-se contemporânea, isto é, pretendendo encarnar uma forma de tempo e não uma forma de espaço ou de matéria, a arte tornou-se uma prática coletiva da divinação do futuro. A partir desse momento, através da arte, cada sociedade constrói algo que ainda não existe nela: não é mais um reflexo harmonioso da sua própria natureza, mas uma tentativa de reproduzir-se diferentemente do que ela é, uma maneira de ser diferente

---

10 Apesar de ficcional, quase um manifesto em linguagem poética, como categorizado pelo próprio Jorge Furtado, “Ilha das Flores” é inspirado em fatos.

11 “Esta não é sua vida” foi disponibilizado gratuitamente na internet pela “Casa de Cinema de Porto Alegre”: <https://vimeo.com/238459313>.

e de conhecer essa diferença que ainda não existe. A arte é o desejo e o projeto de metamorfose de uma sociedade. (Coccia, 2020, p. 196).

O encontro entre cinema e educação ambiental pode nos resgatar do perigo de uma história única (Adchie, 2019). E nos ajudar a (re)conhecer que somos parte do Terrestre, em constante mutação e relação interespecífica: “Estamos vivendo num mundo em que somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis” (Krenak, 2022, p. 37).

### Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Editora Elefante, 2021

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Revista Comunicação & Educação**, nº 141, jan./abr. 1999, p. 42 – 48.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento: São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOSCO, Francisco. **O diálogo possível**: por uma reconstrução do debate público brasileiro. São Paulo: Editora Todavia, 2022

BRIANEZI, Thaís; GATTÁS, Carmen. A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 21, n. 41, 2022. ps. 33-43

BRUM, Eliane. **Banheiro Òkòtó**: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CODING RIGHST. **A internet, de nuvem, não tem nada**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.cartografiasdainternet.org/>. Acesso em 8 de mar. 2023.

- FRANÇA, Vera Veiga. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação. **MATRIZES**, v. 8, n. 2, p. 101-116, 2014
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985
- GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina C. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.
- KRENAK, Aílton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LATOUR, B. **Diante de Gaia**: Oito Conferências sobre a Natureza no Antropoceno. São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020a.
- LATOUR, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.
- MAIOR, Izabel Maria Madeira de Loureiro. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. **Revista IBICT**. Brasília: Inc.Soc., 2017.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, nº 18, maio/agosto de 2000, p. 51 - 61.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008
- MAXWELL, Richard; MILLER, Toby. Ecological Ethics and Media Technology. **International Journal of Communication**, vº 2, 2008, p. 331-353.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.
- MOGADOURO, Cláudia *et al.* **Reinventando o cineclube**: experiências de um cineclube virtual em tempos de pandemia. São Carlos: Congresso Internacional de

Educação e Tecnologias e Encontro de Pesquisadores de Educação à Distância (CIET/EnPED), 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Como potencializar a produção e o acesso à informação de maneira descentralizada e colaborativa?** Caso 23 do Programa Copi Cola: Imprensa Jovem. São Paulo: (011).lab - Laboratório de Inovação em Governo, 2022

SESC-SP. **O uso do cinema na educação enquanto dispositivo gerador de reflexões e ações para a sustentabilidade.** São Paulo: Sesc-SP / Ecofalante, 2022. Disponível em: <https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-de-cinema-educacao-e-sustentabilidade>. Acesso em 6 de mar. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** Ed. Paulinas, 2011

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.